

Concurso de beleza – discursos e sujeitos

Mara Rúbia Sant’Anna¹

UDESC, SC, Brasil

Resumo: Trabalho realizado a partir da revista O Cruzeiro e do Jornal O Estado e outras revistas catarinenses, em suas edições de janeiro de 1950 até dezembro de 1970. Para esse estudo foram coletados reportagens, imagens e demais textos que tratavam dos concursos de beleza realizados a nível nacional. Metodologicamente, a partir da teoria da estética do efeito histórico de Jauss, foi analisado como a beleza, constituída como categoria de distinção social, permitiu a conquista de visibilidade social àqueles que se aproximaram dos modelos difundidos e dominaram, adequadamente, a manipulação das fichas simbólicas que a publicidade multiplicava. Pretendeu-se exemplificar como, efetivamente, a poética do parecer moderno foi acionada, como ela interferiu nas subjetividades que a realizou e como instituiu novos comportamentos, valores e concepções de vida. Dado os limites de um trabalho dessa extensão, apresenta-se a análise feita a partir da eleição e trajetória de vida de duas misses eleitas para representar a beleza nacional: Martha Rocha (1954) e Vera Fischer (1969).

Palavras-chaves: beleza, aparência e subjetividades.

Texto completo:

Os padrões de beleza que vigoraram na segunda metade do século XX, abriram-se para um mundo maior de mulheres e foi para esse novo público, onde ser bela era mais do que ser limpa e saudável, que uma imprensa, com publicações específicas, se destinou, ensinando-as a serem modernas e escolhidas por uma beleza que deveriam ostentar. Também nessa sociedade ocidental, constituída a partir do fim da Segunda Guerra Mundial, a indústria, ampliando sua oferta de bens de consumo e tendo uma rede comercial muito mais ampla para a difusão de suas mercadorias, fez com a publicidade desenvolvesse maiores e melhores ferramentas para atrair os clientes. O conjunto destas

¹ Professora efetiva da Universidade do Estado de Santa Catarina. Doutora em História e coordenadora de diversos projetos de pesquisa e extensão em sua Instituição.

fichas simbólicas, como denominou Giddens (1997), operou intensamente sob as subjevidades.

Jean Paul Aron defende que a ampliação dos acessos à saúde pública, o enriquecimento da alimentação e a valorização de atividades físicas tornaram o corpo “rei”, após os anos 50, e assim, “preâmbulo de uma epopéia que retira, uma a uma, as proibições a sua soberania revolucionária [do corpo]” (1985: 305)².

Práticas de beleza difundidas e adotadas por todos que estavam convictos da necessidade de serem modernos, ao lado do consumo de produtos cosméticos, roupas e modelos corporais criaram sujeitos cujo predicado maior da existência estava na beleza que exibiam. Esses homens, mais, especialmente, essas mulheres consumidas pelas imagens de beleza, que os meios de cultura de massa difundiam, e pelas promessas de felicidade que os produtos portavam tornavam-se outras, adquiriam status social e importância entre os seus pares. De espelhados tornavam-se espelhos, de *parecidos* tornavam-se *aparecidos*.

A beleza, constituída como status, numa sociedade regida pelo mito da imagem (Certeau, 1995) e espelhada numa modernidade que se significava como realizada pelo belo que expunha, enalteceu pessoas e obras, exclusivamente, por serem belas.

O presente artigo desdobrou-se da tese de doutoramento em história, que foi realizada a partir da revista O Cruzeiro e do Jornal O Estado e outras revistas catarinenses, em suas edições de janeiro de 1950 até dezembro de 1970. Para esse estudo foram coletados reportagens, imagens e demais textos que tratavam dos concursos de beleza realizados a nível nacional. Metodologicamente, a partir da teoria da estética do efeito histórico de Jauss, foi analisado como a beleza, constituída como categoria de distinção social, permitiu a conquista de visibilidade social àqueles que se aproximaram dos modelos difundidos e dominaram, adequadamente, a manipulação das fichas simbólicas que a publicidade multiplicava. Pretendeu-se exemplificar como, efetivamente, a poética do parecer moderno foi acionada, como ela interferiu nas subjetividades que a realizou e como instituiu novos comportamentos, valores e concepções de vida. Dado os limites de um trabalho dessa extensão, apresenta-se a análise feita a partir da eleição e trajetória de

² ARON, 1985, pp. 305.

vida de duas misses eleitas para representar a beleza nacional: Martha Rocha (1954) e Vera Fischer (1969).

Beleza coroada

Somente numa sociedade em que a aparência tornou-se estratégia social de poder que toda a atenção, mística e glamour que envolviam os concursos locais e internacionais, para a eleição de uma beleza representativa de um país, de um estado, de uma cidade, de um clube ou de um evento qualquer, se tornaram justificáveis.

A escolha da mais bela data do final do século XIX, contudo, naquele momento a seleção era feita pelos freqüentadores dos cabarés parisienses, a partir das mulheres que ali se apresentavam e se consagravam por sua beleza e, especialmente, por sua ousadia e volúpia. Porém, a partir do século XX, ocorreram os primeiros concursos com mulheres providas da “boa sociedade”. Brécio de Abreu relata que Bebe de Lima Castro, foi a primeira Miss Brasil, escolhida em 1900³.

Os concursos de Miss, propriamente ditos, são recentes e dizem respeito a uma estratégia de marketing das empresas que se ocupam em promovê-los, sejam elas ligadas ao setor de cosméticos, de produtos femininos ou da imprensa, que comprem a exclusividade de organizá-los e divulgá-los. Assim, no período em estudo, no Brasil, era o grupo editorial dos Diários Associados o maior promotor do evento e tinha prioridade na divulgação de suas imagens.

A grande divulgação do evento, no Brasil, começava destacando as eleitas nos concursos feitos nos Clubes e Sociedades Recreativas sediados no Rio de Janeiro⁴. Em algumas ocasiões as eleitas de outros Estados e grandes capitais despontavam, antecipadamente, nas páginas das revistas nacionais, como forte palpite para o próximo

³ **O Cruzeiro**, 22 maio 1965, p.72. “Concursos de Beleza – a história”, por Brécio de Abreu.

⁴ Ex: **O Cruzeiro**, 13 maio, 1961, p. 156. “Misses entre páginas do passado”; 03 jun. 1961, p. 92. “Misses até debaixo d’água”; 28 abr. 1962, p. 24. “Guanabara na ponta do Miss Brasil”; 09 jun. 1962, p. 88, “Brasil na copa da Beleza”; 23 jun. 1962, p. 6. “Miss Guanabara”; 30 maio 1964, p.86. “Rio na liderança do Miss Brasil” - todos de Ubiratan de Lemos.

certame de beleza⁵. Quando dos concursos nacionais, de onde saíam as candidatas para os concursos internacionais, a exploração do tema e das imagens das jovens concorrentes ocupava, com antecedência de meses, as páginas das revistas⁶. Elas eram levadas para conhecer o Rio de Janeiro, a jantares sofisticados, a encontros com autoridades, aos auditórios das Rádios locais e depois aos programas televisivos. A grande apoteose era descrita quando do concurso propriamente dito que, em 1959, contou com 22 mil expectadores, “a maior platéia de todos os tempos”. Anualmente, o evento lotava os estádios escolhidos, como o Maracanãzinho – Ginásio Gilberto Cardoso - e reunia uma platéia eclética: parentes e torcidas organizadas, vindas de diferentes partes do Brasil, famílias de classe média e mesmo uma pomposa parcela da elite nacional, que ganhava espaços reservados, quando não, uma cadeira entre os jurados⁷.

As histórias sobre os concursos, os detalhes sobre suas decorações, prêmios, figurinos, pessoas envolvidas etc, transformavam o evento de diversão em algo de dimensão social, cultural e mesmo política, de maior envergadura⁸. As eleitas recebiam matérias especiais e elogios, sem modéstia, como os dados a Vera Ribeiro eleita, em 1959, Miss Brasil: “nenhuma outra teve o seu ritmo, com a naturalidade de seus passos, com a elegância de suas linhas”⁹.

Além dos concursos nacionais, também os realizados no exterior, nos quais candidatas brasileiras quase sempre competiam, tinham grande cobertura jornalística e eram desenvolvidos como se fosse uma competição esportiva de grande amplitude. Esses se dividiam em dois principais, um realizado em Miami, Long Beach para a escolha da Miss Beleza Universo¹⁰ e outro, realizado em Londres, para a eleição da Miss Mundo¹¹.

⁵ Exemplo: **O Cruzeiro**, 15 abr. 1961, p.16. “Misses em corda bamba”; 28 abr. 1962, p.66. “Serra: ponto alto da elegância” – ambas por Orlandino Rocha; 19 maio 1962, p.6. “Pernambuco preferiu Terezinha”, por Campanella Neto; 14 nov. 1959, p.6. “Se a Vênus do Milo usasse maiô”, por Álvares; 20 jun. 1953, p. 43. “A festa da Rainha”

⁶ Exemplo: **O Cruzeiro**, 25 jun. 1955, p.106. “As candidatas à Miss Brasil”; 10 jun. 1961, p.25. “Misses 1º. round”

⁷ **O Cruzeiro**, 30 jun. 1962, p.8. “Bahia volta ao trono da beleza”; 04 jul. 1964, p.80. “Brasil: Beleza 64” - ambas por Ubiratan de Lemos.

⁸ Exemplos: **O Cruzeiro**, 11 jun. 1960, p.4. “Miss cetra e coroa”; 24 fev. 1962, p.118. “Ana Maria em lição de beleza”; 16 jun. 1962, p.124. “Na rota do Miss Brasil”; 19 jun. 1965, p.25. “Miss Brasil toma corpo” - todas por Ubiratan de Lemos, cujos textos estabelecem relações entre o evento, a sociedade e o País.

⁹ **O Cruzeiro**, 04 jul. 1959, p.4 e 106. “22 mil juizes aplaudiram ‘miss Brasil’”; 30 jun. 1970, p.4. “Miss Brasil 70 – ela é carioca” – ambas por Ubiratan de Lemos.

¹⁰ **O Cruzeiro**, 06 jun. 59, p.39. “Misses em Long Beach”; 01 set. 1962, p.36. “As cores da beleza”; 24 jul. 1969, p.30. “Nossa Miss em Miami” – todas por Ubiratan de Lemos

O título Miss Universo foi conquistado duas vezes pelo Brasil, no período em estudo; em 1964, pela gaúcha Ieda Maria Vargas e, em 1968, por Marta Vasconcelos, baiana. Independente do resultado favorável ao Brasil, cada vez que uma brasileira subia às passarelas internacionais, os periódicos se dedicavam a criar matérias e discursos que transformavam a portadora de uma beleza particular em beleza de toda uma nação¹². Essas que representavam o Brasil no exterior, nas palavras de João Martins, eram “a glorificação da graça, da elegância e da beleza das nossas jovens”. Por meio dos concursos podia o povo brasileiro ver, segundo Martins, “a cada ano a renovação do aprimoramento eugênico das gerações que se formam neste vasto e inédito caldeirão racial que o Brasil, com toda a razão se orgulha de ser”¹³.

Porém, além do concurso para escolha da miss representante do Brasil e dos Estados, outros pequenos certames de beleza pululavam aqui e acolá, referenciando a beleza como distinção, a quem a possuía, e “troféu” ao que ela representava. Se a mídia e os promotores dos concursos de beleza produziam uma *poiesis* eufórica da beleza, como visto acima, as recepções e ações daí desencadeadas não eram menores nas milhares de jovens que sonhavam em ser eleitas, senão, ao menos participantes, de um desses concursos.

E para participar o que se precisava ser? Não bastava ser considerada bonita, bela, era preciso ser perfeita. “Olhos castanhos, 1m70 de altura, 58 quilos, 98 cm de busto, 58 de cintura, 98 de quadris, 56 de coxa, 22 de tornozelo e 19 anos de idade” (O Cruzeiro, 01/07/61)¹⁴, eis as medidas da Miss Brasil 1961, Staël Maria Abelha. Como era lembrado em diversas matérias sobre os concursos, “há detalhes de medidas, proporções, maneiras de ficar em pé, sentada, modos de andar, relação entre os ombros bonitos e todo o resto que suporta esses ombros”¹⁵ a serem considerados e, por isso, 4 polegadas a mais no quadril ou alguns centímetros a menos no busto adiavam o sonho da jovem candidata a miss ou o impedia para sempre.

¹¹ **O Cruzeiro**, 04 nov. 1961, p.14. “Alda com o Mundo nas mãos”, por Glauco Carneiro e 01 dez. 1961, p.152. “Miss Mundo em Londres”, por Luiz Carlos Barreto.

¹² **O Cruzeiro**, 16 nov. 1963, p.28. “Verinha vai assim para Londres”; 26 out. 1968, p.4. “Maria da Glória... a beleza internacional” – todas por Ubiratan de Lemos.

¹³ **O Cruzeiro**, 14 maio 1960, p. 128. “Brasil vai escolher beleza 1960”, de João Martins.

¹⁴ **O Cruzeiro**, 01 jul. 1961, p. 4. “Staël venceu por aclamação”, por Ubiratan de Lemos.

¹⁵ **O Cruzeiro**, 24 jun. 1961, p. 6. “Na eleição de Miss GB 61 Leblon levou a faixa”, por Ubiratan de Lemos.

Diferentemente do que se devia esperar de uma candidata à Miss Glamour, a beleza selecionada no concurso de Miss Beleza deveria melhor expressar a suavidade, a ternura e meiguice do que a capacidade de atração da candidata. “A miss é escolhida por um conjunto de elementos parciais que são: linhas, contornos, proporções, textura da pele, ar de juventude, expressão da voz e, acima de tudo, personalidade. Portanto, ele não é alvo de beleza gritante, sexual”¹⁶.

Na medida em que a beleza moderna foi associada à juventude, em sua expressão mais ousada, formas e rostos mais exuberantes ganharam autoridade para serem eleitos; contudo, os concursos de miss buscaram sempre se resguardar moralmente e se mostrarem confiáveis às famílias que liberavam suas filhas para participação dos certames.

Dessa forma, tornar-se uma miss exigia uma transformação calculada de formas físicas e de atitudes corporais, o cultivo de uma moralidade precisa e de uma alma elegante, bem nos moldes que Elza Marzullo, Pitigrilli e outros pregaram em suas colunas jornalísticas. Todavia, alcançado o intento e coroada, a jovem que tantos esforços realizava para moldar-se numa outra pessoa, via sua vida ressignificada. Tais mudanças, para algumas, poderiam durar apenas o tempo de seu reinado, para outras, devido a dimensão de sua “coroa”, nunca mais voltariam ao anonimato.

Ser coroada miss exigia transformações em sua rotina e em seus planos de estudo e trabalho, pois mais do que uma festa, na qual participava desfilando e exibindo sua plástica bem trabalhada, os concursos se colocavam como um limite na vida da jovem. Conquistado o título, dali em diante, enquanto o reinado durasse, seria sua condição de miss que suplantaria qualquer outro papel que desempenhasse socialmente. Dadas essas exigências, muitas foram as que abdicaram do título: uma Miss Brasil, para casar-se; uma jovem da Guanabara, para dar continuidade aos seus estudos; uma rainha de Clube recreativo, para atender sua família, como exemplos¹⁷.

As mudanças exigidas à miss começavam no dia seguinte ao seu coroamento. Além dos jantares e recepções, antecipadamente agendadas, com patrocinadores, o simples caminhar na rua tornava-se diferente e a experiência do sucesso alcançava a imagem

¹⁶ **O Cruzeiro**, 14 jul. 1956, p.6. “Os segredos de Miss Universo”, por João Martins.

¹⁷ **O Cruzeiro**, 18 out. 1958, p.32. “Dayse uma beleza em flor”, por Paulo Namorado; 23 dez. 1961, p. 150. “Gilda”, por Orlandino Rocha. **O Estado**, 06 fev. 1951, p.4. “Dalva Mello entrevistada pela nossa reportagem”

que fazia de si. “Na baiana de luxo, nas ruas do Rio, o povo foi descobrindo aos poucos miss Brasil no. 1. Staël de baiana, mostrou a faceirice mineira da Cinelândia à Central do Brasil”¹⁸ e essa euforia seguia-se ao retorno para a terra natal das misses eleitas, como no caso da gaúcha Vera: “Num carro coberto por serpentinas, ao lado do Prefeito e do presidente do Laranjal Praia Clube, a moça que vai a Long Beach representar a beleza nacional teve recepção triunfal em Pelotas” (OC 15/07/1961)¹⁹.

Contudo, nenhuma miss foi mais cultuada como um mito da beleza nacional do que Martha Rocha, a eterna Miss Brasil e nem uma catarinense foi tão falada por sua beleza e exaltada como representação do desenvolvimento econômico de seu Estado Natal do que Vera Fischer, nos anos 70.

Martha e Vera, de belas jovens a rainhas da beleza

Em 1954 ocorreu o primeiro concurso nacional de beleza, patrocinado pelo grupo empresarial Diários Associados. Marta Rocha, ainda sem “th”, foi a vencedora e nas páginas da maior revista do grupo dizia: “Marta Rocha tem a pele da cor do sol de Amaralina, os olhos iguais às águas azuis de Itaparica e a graça típica das baianas (...) 1m70 de altura, com 57 quilos de peso e 21 anos de idade”²⁰. Sua eleição não foi um consenso, pois seus traços, “uma nova versão da beleza brasileira”²¹, destoavam daqueles mais ternos que estavam consagrados como belo.

Na competição internacional, o sucesso de Marta começou a despontar e os argumentos contrários a sua coroação foram esquecidos. Nos Estados Unidos, a candidata brasileira despontou como favorita dado o interesse dos jornalistas “do mundo inteiro e das observações dos produtores de Hollywood” e, principalmente, por sua maneira segura, “cheia de personalidade”, que demonstrava ter, pois “não se afetou e pareceu como uma pequena simples, espontânea e alegre, sem pretensões a intelectual nem tampouco a prima-dona”²².

Ao conquistar o segundo lugar no certame, o que foi justificado por algumas polegadas a mais que Martha possuía no quadril, muitas considerações paralelas foram cogitadas

¹⁸ **O Cruzeiro**, 15 jul. 1961, p.6. “Rio viu primeiro a baiana Staël”, por Ubiratan de Lemos.

¹⁹ **O Cruzeiro**, 15 jul. 1961, p. 16. “Vera de volta aos pagos”, por Antônio Ronek.

²⁰ **O Cruzeiro** 10 jul. 1954, p. 103. “Miss Brasil veio da Bahia”, por João Martins. Observar que a grafia do nome dela é irregular, ora com H ora sem.

²¹ **O Cruzeiro**, 07 ago. 1954, p. 38. “À sombra de Marta em flor”, por Franklin de Oliveira.

²² **O Cruzeiro**, 07 ago. 1954, p. 8. “Marta, a 2ª. mais bela do Mundo”, por João Martins.

para melhor explicar o que fizera a beleza exuberante de Marta não conquistar o prêmio universal de beleza. De uma forma ou de outra, na estréia da representação do Brasil, no certame internacional, Martha ficou muito próxima da coroa de Long Beach. De uma baiana um tanto quanto exagerada, tornou-se a “musa do Brasil”.

Ao retornar ao País, sua viagem foi epicamente descrita: “sobrevooou as montanhas do Peru (...) as florestas da América Central, (...) os desertos do norte do México (...) as grandes cidades do EUA”. Ao chegar à Bahia, “foi homenageada e recebida de braços abertos pelo povo e pela elite. Aproveitou para ir à Igreja do Senhor do Bonfim e para passear de automóvel conversível com o pai, Engenheiro Álvaro Rocha e o Prefeito Aristóteles Góes”²³. Apoteoses no Rio de Janeiro e em Salvador marcaram sua chegada ao Brasil. Ganhou muitos presentes, prêmios do concurso e dos admiradores e, em meio a toda a descrição desses momentos, João Martins ressaltou que “de volta, três quilos mais magra, percebeu-se que este resultado não havia lhe afetado e a fama e a glória não lhe subiram à cabeça. Marta continuava sendo uma menina simples, franca e encantadora” (OC 16/10/1954)²⁴.

O reinado acabou em 1955 quando passou a faixa de rainha da Beleza à cearense Emília Correia Lima, mas não sua a glória.

Anos mais tarde, ela se casou com um banqueiro, Álvaro Piano e passou a viver na Argentina. Teve dois filhos e ficou viúva ainda no final dos anos 50, voltando sozinha à Bahia. Todos esses momentos de sua vida foram detalhadamente descritos: seu casamento, a família e origem do noivo, sua residência, a vida social que levava, a senhora requintada que era, as gestações que teve, o nascimento dos filhos e o trágico acidente aéreo que a tornou viúva.

De volta ao Brasil, ainda muito bela, como as reportagens gostavam de lembrar, mais madura e herdeira de uma considerável fortuna, Martha é noticiada como uma triste viúva, cuja “beleza tão extraordinária não havia lhe poupado da desventura tão terrível”. Nesses termos que evocavam a sentimentalidade dos leitores da revista, O Cruzeiro, descreveu em detalhes seus últimos momentos ao lado do marido e dramatizou o fato do

²³ **O Cruzeiro**, 20 nov. 1954, p.8. “A boa terra consagra Martha Rocha”, por João Martins. **O Estado**, 18 set. 1954, p.1. “O regresso de Miss Brasil – prevista para esse mês a volta da famosa bahiana” – Na matéria comenta que em Porto Rico, a miss foi coroada pela população como “Embaixatriz da Beleza”.

²⁴ **O Cruzeiro**, 16 out. 1954, p.110. “A namorada do Brasil”, por João Martins.

último filho nascer após o falecimento do pai. Os anos acrescidos não foram denotados como prejuízo a sua beleza: “a rainha serena da beleza eterna, uma mulher cada vez mais mulher, na tranqüila maturidade, vinho generoso do melhor bouquet, a mulher que todos querem aspirar, miss beleza, mama Martha e eterna namorada do Brasil”²⁵.

Em 1960, ganha crônica na coluna de José Amádio “Ninguém conhece ninguém”, na qual em duas páginas inteiras, no começo da revista O Cruzeiro, o cronista entrevistava e biografava seus ilustres escolhidos. Ter sido escolhida como personalidade da coluna devia-se ao fato de “sua beleza fazer parte do patrimônio histórico da Bahia e era [essa] constatada e não elogiada”.

A partir de 1960 ela morou definitivamente no Rio, abandonou a Bahia e o aconchego familiar, para ser uma mulher independente na mais moderna das capitais brasileiras. José Amádio destacou que ela tinha entrado “para uma outra realidade muito de repente” e, sem evidenciar seu ponto de vista moral a respeito da questão, disse que ela “moça calma, normal e provinciana, mergulhou na trepidação de uma realidade com a qual parecia não ter se acostumado”.

Descreveu, no corpo de sua coluna, a vida boêmia que Martha levava na Capital carioca tanto quanto seus predicados e caprichos: “gosta de tango, rosa, é romântica, bebe e fuma muito, (...) ama as jóias, mas sem exagero e prefere vestidos simples e tecidos escuros para a noite (...) gosta de cinema e de cozinhar (...) não é supersticiosa e detesta maquilar-se e a hipocrisia”.

Martha bela, mas sem ter o padrão moral, como Emília, sua sucessora, o tinha, era discretamente criticada, por não se encaixar perfeitamente às virtudes de eterna viúva, que a própria revista havia, anteriormente, lhe esculpido. Como mulher entregue a si mesmo, conforme convencionalmente se pensaria à época, José Amádio a entendeu mais como vítima do que como algoz do destino. A última frase da crônica foi um diagnóstico disfarçado em conclusão: “Marta Rocha é moça, rica, simpática, colorida, bonita e sozinha”²⁶.

²⁵ **O Cruzeiro**, 25 jun. 1960, p. 1. “Martha”. No mesmo ano foi feito uma matéria sobre as mulheres que se tornaram notícia e ela aparece ao lado de Elizabeth Taylor, Brigitte Bardot, Bettina, Maria Éster Bueno, Alzira Vargas, entre algumas outras desconhecidas que eram notícias pelo sucesso alcançado. 06 ago. 1960, p. 110. “1960 – mulher faz notícia”.

²⁶ **O Cruzeiro**, 21 maio 1960, p. 14. Coluna Ninguém conhece ninguém. “Marta Rocha”, de José Amádio.

Interessa destacar, porém, que mesmo com a moral levemente questionada, Marta participou, no mesmo ano da crônica de Amádio, do júri para escolha da Miss Brasil de 1960. A reportagem do certame de 1960 acentuou que a presença da ex-miss foi tão marcante quanto das concorrentes atuais: “como a encarnação da própria beleza julgou as outras. E foi sem querer a maior atração do espetáculo”²⁷. Seu sucesso como bela suplantava qualquer nuvem cinzenta que sobrevoasse seus comportamentos de moça “colorida e sozinha”. No show que Sammy Davis Jr. realizou no Rio, ainda em 1960, ela atraiu tanta atenção da imprensa quanto o próprio cantor internacional. Como foi descrito, sua presença a fez “espetáculo extra de beleza”, sendo que sobre sua pessoa foram:

convergidadas as atenções da elegantíssima platéia, se formando fila para cumprimentá-la. E até dar início a seu fabuloso show, os olhares de quase todos pareciam borboletas voando rumo àquele clarão de deslumbramento que Martha Rocha abria na noite de gala do Copa²⁸.

Martha, “viúva alegre”, foi redimida quando encontrou um homem que a cuidaria, a faria menos colorida e não mais sozinha. Em 1961, primeiro semestre, o anúncio do casamento de Martha fez notícia pelo Brasil. Dos preparativos do enxoval aos detalhes da lua de mel, tudo se tornou informação importante a oferecer aos leitores dos periódicos. Edição especial da revista *O Cruzeiro* foi lançada em 1º. de junho daquele ano, trazendo “Martha feliz, noiva outra vez”. Seu casamento que ocorreu em 18 de maio, na Candelária, atraiu uma multidão de populares para vê-la passar e tornar-se “senhora Ronaldo Xavier de Lima” e, assim, “Marthinha era a noiva de um conto de fadas. [seu] casamento foi sucesso popular e social”²⁹. A lua-de-mel, realizada na Europa, também teve cobertura jornalística, sendo o casal fotografado em seus passeios em Londres e Paris e, para os jornalistas, a noiva era sempre lembrada como a “linda e elegante [que] irradiava felicidade”.

A vida de Martha Rocha continuou a ser monitorada pela imprensa nacional e ela como mulher pública jamais pode se abster de conduzir seus atos e escolhas pessoais também em consonância a esse monitoramento, mesmo que o fosse de se empenhar em disfarçar ou esconder algum aspecto indesejável. Relata Martha Rocha em sua biografia que

²⁷ **O Cruzeiro**, 25 jun. 1960, p.4. “Miss Brasil 1960”, por Ubiratan de Lemos.

²⁸ **O Cruzeiro**, 02 jul. 1960, p. 9. “Martha”, por Ary Vasconcelos.

²⁹ **O Cruzeiro**, 29 abr. 1961, p. 11. “Martha faz compras do casamento”, de Guaracy Oliveira; 01 jun. 1961, Edição Especial: Marta Rocha – Segundo Casamento; 03 jun. 1961, p.6. “Martha, outra vez feliz”, por Dulce Rodrigues; 10 jun. 1961, p.12. “Martha e Ronaldo partiram - Lua de Mel na Europa”.

decidir pelo divórcio de Ronaldo Lima foi uma tarefa difícil devido a toda mídia que acompanhava os seus passos e pediam explicações. Posteriormente, a perda da guarda dos seus filhos foi duplamente dolorida, pois além de mãe ela tinha que se explicar também como mulher pública. “A beleza trouxe-me minhas maiores glórias e minhas mais tristes dores”(www.martharocha.com.br).

A construção da imagem de Martha como um sujeito sujeitado da beleza se faz pelo mais diferentes meios e a acompanha até hoje.

Martha no ano de seu reinado, como outras misses o fizeram, viajou pelo Brasil e chegou à Florianópolis, em maio de 1955, para participar do Concurso Miss Santa Catarina, o primeiro a ser realizado como grande evento no Estado. Foi trazida ao público, que a esperava na Praça XV, em cima de um carro alegórico, e no momento de sua aparição, diz o jornal O Estado, “toda gente ficou maravilhada, tal a beleza da linda baiana, a graça, o encanto, o garbo e, sobretudo, a sua imensa e irradiante simpatia, a simplicidade em seu traje, tudo enfim...”.

Chegar à principal praça da cidade num carro alegórico fez com que a recepção de sua imagem fosse, desde esse momento, feita como de verdadeira rainha que a imaginavam, e se seu vestido simples parecia destoar, no imaginário, de como uma rainha se veste, o jornalista adverte que esse detalhe devia ser entendido como prova de sua simplicidade, de sua simpatia e de seu caráter superior.

Sedução era o que Martha provocava por sua simples presença. Poder de seduzir, atribuído por toda a mística com que sua aparência era envolvida, e, acima tudo, pelo significado de superioridade que a beleza, nela enaltecida como incontestável, configurava aos seus gestos e a sua existência.

Talvez, Julio Ordeiro, que somente dois meses após a visita de Martha à Florianópolis conseguiu publicar sua crônica, seja quem melhor expressou a sedução por ela produzida:

Tenho, frente a mim, a figura de uma jovem, cuja perfeição de linhas e concordância de formas estarrece a todos. (...) Símbolo perfeito do desenvolvimento de uma raça (...) Olhos, cuja exata descrição é irrealizável (...) cabelos loiros que cobrem uma cabecinha bela. Figura aureolada pela admiração de um povo, seu nome é hoje o símbolo de tudo aquilo que é belo (...) figurinha que, pela perfeição das formas, em um ano apenas, tornou-se um patrimônio nacional de imensurável valor. Corpo escultural que assombrou os meios sociais e artísticos do mundo inteiro e classificado, junto com seu rosto, exuberantemente miraculoso, como a

segunda criatura mais bela de todo o mundo. Diante desta figura ímpar sente-se o poder da criação divina. Viverás, eternamente, na lembrança daqueles que tiveram a glória de ver-te, pois o tempo passará inexorável em sua evolução constante, mas as recordações do teu porte admirável, dos teus olhos verdes-azulados de uma beleza indescritível jamais fugirão de nossa mente³⁰.

Martha Rocha mais do que enamorar Julio Ordeiro e tantos outros brasileiros, como também brasileiras, deu grande impulso aos concursos para escolha da beleza nacional. Sua quase vitória e tudo o que foi comentado sobre o Brasil, por sua bela forma e apresentação em Miami, fez com que os certames de beleza nos anos seguintes a 1954 ganhassem ainda mais patrocinadores, expectadores e concorrentes.

Essa euforia por uma beleza que parecia integrar o país ao mundo e as regiões ao país é a interpretação mais plausível para todo o empenho de cronistas sociais, políticos e empresários catarinenses para concretizar o primeiro concurso de beleza em Santa Catarina, aquele para o qual Martha Rocha foi recepcionada em carro alegórico.

Os concursos de miss Santa Catarina ocorreram ano após ano, com mais ou menos prestígio até que no final da década de 1960 que, entre Evelise, eleita em 1968, e Marileuza Mattos, em 1970, uma catarinense pela primeira vez foi eleita Miss Brasil: Vera Fisher, em 1969.

Toda a exaltação e tentativa de criar um mito sobre a miss eleita, como representante da beleza brasileira, recaiu, pela primeira vez, sobre uma catarinense. Não apenas lembrado por catarinenses, o fato foi ressaltado pelos periódicos nacionais. “É de Santa Catarina a nova miss Brasil. Pela 1ª. vez na história do concurso, Santa Catarina conquistou o Miss Brasil”.

Estampada na capa da revista O Cruzeiro, de 10 de julho de 1969, ela foi exaltada como a nova rainha do Brasil e Santa Catarina, que, por acréscimo, era lembrada, especialmente, como a terra da imigração alemã e da cultura vivida no Vale do Itajaí, de onde Vera havia partido. Seu traje típico era o de uma camponesa alemã, descrito como sendo da catarinense, pela revista Manchete. O que a elegeu foi seus “olhos verdes, cabelos de um louro cinza e medidas perfeitas”. Sem nenhum “favor”, a revista lembrou que Vera era “rainha por direito de conquista, (...) teve os votos do júri e do público”³¹.

³⁰ **O Estado**, 22 jul. 1955, p.3. “A uma desconhecida – quando da visita da excelsa baianinha a esta Capital”, de Júlio S. Ordeiro.

³¹ **O Cruzeiro**, 10 jul. 1969, p.4. “Na hora da verdade o nome é Vera”, por Afrânio Brasil Soares. **Manchete**, 12 jul. 1969, p.4. “Miss Brasil 69: a noite das 4 graças”, por Renato Sergio e Ivy Fernandes.

Como toda grande estrela, no seu primeiro dia de rainha teve atenções especiais, recepções e um passeio pela orla atlântica do Rio de Janeiro, onde foi reconhecida; deu autógrafos e começou a sentir o gosto da fama que sua beleza oferecia.

Quando acordou, na manhã de 29 de junho, e o telefone tocou, Vera percebeu que sua vida mudara. Eram 9 horas. Na noite anterior, ela fora eleita Miss Brasil. As comemorações tinham esticado até às 5 da madrugada. Agora o telefone anunciava o início do seu reinado: entrevistas, coquetéis, autógrafos, desfiles e poses para anúncios. (...) Nas ruas, uma sensação nova: começou a ser reconhecida. (...) Copacabana se transforma em passarela, com centenas de concorrentes.

A Rainha foi criada. A menina de dezoito anos, filha de seu Emílio, nascido na Alemanha e de Hildegard, filha de alemãs, estudante de colégio de freiras de “rígida disciplina” deveria ir a Miami e manter o título do Brasil, que no ano anterior Marta Vasconcelos tinha conquistado. Ela..., queira conhecer o Rio, “onde nunca estivera antes”. Entre passeios nas calçadas de Ipanema, refrigerantes num barzinho e autógrafos, mesmo para o guarda de trânsito, o que Vera queria: “puxa, que vontade de ir à praia. Agora, durante um ano, não vou poder”³².

A menina vaidosa, que apenas queria exibir sua beleza, devia desaparecer para que apenas a beleza a fizesse ser Vera Fisher, a rainha do Brasil.

Como Rainha, e não mais como a Vera, filha do seu Emílio Fisher, foi recepcionada gloriosamente na Capital catarinense. O caminhão do corpo de bombeiros, coberto de flores, a transportou do aeroporto ao centro da cidade. A Praça XV, lotada de populares, a aplaudiu, a observou, se extasiou com sua beleza e sentiu-se um pouco mais belo também, porque catarinense como ela. Recepção fechada na residência oficial do Governador, almoço com pessoas das elites locais e desfile para alguns catarinenses completaram as festividades na Capital do Estado. Com a mesma euforia foi recebida em Blumenau e sua vida foi minuciosamente descrita³³.

A maior revista de Santa Catarina, na época, trouxe no seu número oito, nas primeiras páginas, “os dois maiores acontecimentos do mês”. O título do carro-chefe do volume era: “Mulher na Terra... Homem na Lua” e nele eram comparados dois eventos mundiais considerados de igual grandeza. Na página esquerda aparecia o desfile de Vera Fisher nas passarelas internacionais, em terras de Tio Sam, “representando muito

³² **O Cruzeiro**, 10 jul. 1969, p. 6. “Primeiro dia de reinado”, por Francisco Nelson.

³³ **O Estado**, 04 jul. 1969, p.1. “Miss Brasil chega hoje à Florianópolis”. **Revista Catarinense**, n.8, ano 1, p.4. “Rua Felipe Schmidt/ Praça Quinze/ Capital do Estado”, de Nery Vieira.

bem a beleza catarinense”, no Miss Universo; enquanto, no outro lado, na página direita a fotografia internacional e extraterrena do primeiro norte-americano pousando na Lua, completava a abertura da matéria. Brincando com as palavras, lembrava o repórter que Miami havia parado para ver desfilar em suas passarelas a beleza do Mundo, enquanto o Mundo parava para ver três norte-americanos, pela televisão, pisar na Lua. Porém, o importante a salientar era que Vera Fisher, “foi, viu e mostrou o que a brasileira tem que cativa a todos (...) foi das mais aplaudidas. A vitória não foi nossa, mas ficou pelo menos a comprovação de que Verinha é muito mais bonita que a candidata de Filipinas, Glória Diaz”³⁴.

Ela, mais do que filha de seu Emílio, nascida em Blumenau ou Miss Santa Catarina, era, então, a comprovação do que era a mulher brasileira e ao representar isso, numa direção inversa, integrava todos os outros vínculos que possuía de identidade àquilo. Nada mais “coroador” da modernização que o Estado empreendera do que ter uma filha da terra levando o Brasil ao Mundo. Aqueles que aqui viviam e desejavam a experiência da modernidade tiveram, na aventura que Vera Fisher proporcionou, a sua efêmera oportunidade.

Como Rainha da beleza, como todas as outras misses, Vera Fisher tornou-se presença notada, convidada e distintiva de eventos sociais os mais diversos, no Brasil e em Santa Catarina, mesmo depois do seu reinado³⁵, sendo que o retorno à vida simples e anônima das ruas de Blumenau nunca mais esteve ao seu alcance. A beleza a transformou, como a tantas outras que cobiçaram ser belas.

De rainha à atriz a continuidade pareceu óbvia, assim como as notícias pormenorizadas de seus feitos pessoais ou profissionais e, inclusive, de seus escândalos amorosos e familiares como se, tal como Martha Rocha, ao se tornar rainha da beleza não estivesse ela mais entre os meros mortais.

Martha Rocha e Vera Fisher constituíram sua existência social a partir da beleza que lhes foi enaltecida, assim como outras mulheres contemporâneas a esse mesmo contexto histórico. Os seus corpos, como suporte desta beleza enaltecida, sempre recebeu muitos investimentos – roupas, tratamentos estéticos, capilares e cirurgias plásticas –

³⁴ **Revista Catarinense**, n.8, ano 1, 1969, p.16. “Mulher na Terra... homem na Lua”, por Paulo Dutra e Ramiro Gregório da Silva.

³⁵ **Revista Catarinense**, n.11, ano 1, 1970, pp. 5-10. “Carnaval, alegria do povo”; n.13, ano 2, 1970, pp.38-40. “Miss Santa Catarina – 70, Festival de Cores e Beleza”.

constituindo-se em seu conjunto sempre exposto e explorado pela mídia o seu mais forte capital-social, que além de lhes dar os dividendos profissionais, lhes garantiam a integração social e, principalmente, delas consigo mesmas.

No seu fazer bela, as misses incorporaram em si diversos modelos de beleza e, na medida em que alcançaram sucesso, transformaram-se em modelos a tantas outras mulheres e reforçaram a importância da beleza como atributo de existência social.

Se a atenção da mídia sobre as vidas das belas enaltecidas justificou-se na beleza que possuíam, o escrutínio de suas ações e o julgamento severo de seus atos pessoais talvez possa ser entendido como uma resistência velada de uma lógica religiosa que associa o belo ao pecaminoso ou deve ser interpretado como a decepção atônita de como o belo não pode ser também bom.

Concluindo

É importante lembrar que os padrões de beleza e de realização social, difundidos pela cultura de massa, foram dirigidos aos grupos urbanos aptos ao consumo – ou em termos mais usuais: à classe média. As mulheres, as jovens, os jovens e os homens ao lerem, ao acompanharem os noticiários, ao verem nas capas das revistas, a cada semana, uma beleza enaltecida eram educados para identificar o belo, para desejá-lo, para assimilá-lo como componente indispensável de sua modernidade e, desta forma, os parâmetros de construção da poética moderna da aparência se alteravam, alterando consigo estes sujeitos que buscavam e encontravam na beleza um atestado de sucesso social, de vitória diante do antiquado, do passado e consagravam o *novo* como troféu de uma vida realizada.

Os grupos urbanos que consumiram o proposto, não apenas se fizeram semelhantes aos modelos adotados, mas, conjuntamente, reformularam estratégias de poder e inserção social e, tal como a beleza de Branca de Neve desafiou o poder da rainha, em sua vaidade de ser a única bela do Mundo, as belas e belos de todos “os bosques” urbanos, ao serem enaltecidos por suas belezas desvinculadas das virtudes morais, de nascimento ou da riqueza, privilégios que um grupo social julgava exclusivamente seus, exigiram daquela elite sua transformação, sua consumação numa outra realeza. As práticas de exaltação da beleza serviram, também, para desbancar as

rainhas do espelho e, além de criar outras subjetividades, criaram outras relações sociais.

Referências bibliográficas

Site:

www.martharocha.com.br

Periódicos:

REVISTA CATARINENSE. Florianópolis: Edição Revista Catarinenses dos Municípios. jan./dez. 1968-1970. Mensal.

REVISTA O CRUZEIRO. Rio de Janeiro : Diários Associados, jan./dez. 1950 -1970. Semanal.

JORNAL O ESTADO. Florianópolis, 01 jan. 1950/ 31 mar. 1970. Diário.

Bibliografia:

ARON, Jean-Paul. La tragédie de l'apparence à l'époques contemporaines. Communications – Revue d'EHESS, Paris, v.46, 1985.

BALANDIER, Georges. Le pouvoir sur scènes. Paris: Balland, 1980. p.178.

BAUDRILLARD, Jean. A sociedade de consumo. Lisboa: 1970/1995.

BURKE, Mike. Styles de pouvoir. Paris: Dunod, 1991.

CHAUMONT, Charles. Le secret de la beauté: essai sur le pouvoir et les contradictions. Paris: Seuil, 1987.

CEARTEAU, Michel de. **A cultura no plural**. 2^a. ed. Campinas/SP: Papirus, 1995.

CUISENIER, Jean (Org.). Ethnologie française: L'apparence. Paris: CNRS, 1989.

DUFLOS-PROT, Marie-Therese. Paraître et vouloir paraître: la communication intentionnelle par l'apparence. In : CUISENIER, Jean (Org.). Ethnologie française: langage et communications. Paris: CNRS, 1976. p. 249-260.

FAUX, Dorothy Schefer et alii. Beleza do século. São Paulo: Cosac & Naify edições, 2000

GIDDENS, Anthony. As conseqüências da modernidade. São Paulo: Unesp, 1991.

_____. BECK, U.; LASH, S. Modernização reflexiva: política, tradição e estética na ordem social moderna. São Paulo: Unesp, 1997.

ISER, Wolfgang. O ato da leitura: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Editora 34, 1996. v. 1.

JAUSS, Hans. Robert. O prazer estético e as experiências fundamentais da poiesis, aisthesis e kátharsis. In: LIMA, Luiz Costa. (coord.) A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979b.

_____. A estética da recepção: colocações gerais. In: LIMA, Luiz Costa. (coord.) A literatura e o leitor: textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979a.

MAISONNEUVE, Jean.; BRUCHON-SCHWEITZER, Marilou. Le corps et la beauté. Paris: Presses Universitaires de France, 1999.

PAGÈS-DELON, Michèle. Le corps et ses apparences: l'envers du look. Paris: Éditions L'Harmattan, 1989.

PINSET, Jean. (Org.) Le prêt à Paraître. S.l.: Bib Forney, 1974.

REMAURY, Bruno. De beau sexe faible: les images du corps féminin entre cosmétique et santé. Paris: Bernard Grasset, 2000.